

FICHA TÉCNICA

Título original: *En man som heter Ove*

Autor: *Fredrik Backman*

Copyright © Fredrik Backman 2013

Edição portuguesa publicada por acordo com Salomonsson Agency

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Alberto Gomes*

Revisão: *Anabela Macedo*/Editorial Presença

Design da capa: *Alan Dingman*

Fotografia da capa: *Getty Images* e *Shutterstock*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, maio, 2016

Depósito legal n.º 408 771/16

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt



UM HOMEM CHAMADO OVE
COMPRA UM COMPUTADOR
QUE NÃO É UM COMPUTADOR

Ove tem cinquenta e nove anos.

Conduz um *Saab*. É o tipo de homem que aponta o dedo às pessoas que lhe desagradam, como se fossem assaltantes, e o seu indicador a lanterna de um polícia. Está especado ao balcão de uma loja onde donos de carros japoneses vão comprar cabos brancos. Observa demoradamente o funcionário antes de se pôr a agitar diante da cara deste uma caixa de cartão branca de dimensão média.

— Isto é um daqueles *Oupádes*, não é? — pergunta.

O funcionário, um jovem com um índice de massa corporal de um só dígito, parece pouco à vontade. Debate-se claramente para conter o impulso de lhe arrancar a caixa das mãos.

— Sim, exatamente. Um *iPad*. Mas importa-se de parar de o agitar assim dessa maneira...?

Ove lança um olhar desconfiado à caixa, como se fosse um objeto altamente duvidoso, uma caixa que conduzisse uma *Vespa* e usasse calças de fato de treino e acabasse de lhe chamar «amigo» antes de tentar impingir-lhe um relógio de pulso.

— Estou a ver. Então é um computador, é isso?

O funcionário acena que sim. Mas depois hesita e apressa-se a abanar a cabeça.

— Sim... Bem, quer dizer, é um *iPad*. Há quem lhe chame um *tablet* e há ainda quem lhe chame um dispositivo de navegação. Depende do ponto de vista...

Ove olha o funcionário como se ele tivesse acabado de falar em chinês, antes de voltar a agitar a caixa.

— Mas esta coisa é boa?

O funcionário acena com a cabeça, confuso. — Sim. Bem... Que quer dizer com isso exatamente?

Ove suspira e começa a falar devagar, articulando as palavras como se o único problema ali fosse a deficiência auditiva do seu adversário.

— Se. É. Boooooom? Se é um computador bom?

O funcionário coça o queixo.

— Quer dizer... iá... é muito bom... mas tudo depende do tipo de computador que o senhor quer.

Ove fulmina-o com o olhar.

— Quero um computador! O raio dum computador normal!

O silêncio abate-se sobre os dois por alguns momentos. Depois, o funcionário pigarreia.

— Bem... não é bem um computador normal. Talvez o senhor preferisse um...

O rapaz detém-se e parece procurar uma palavra que o cliente à sua frente compreenda. Depois volta a aclarar a garganta e diz:

— ... um portátil?

Ove abana a cabeça, enfurecido, e inclina-se ameaçadoramente sobre o balcão.

— Não, não quero um «portátil». Quero um *computador*.

O funcionário assente com a cabeça num gesto paciente e prestável.

— Um portátil é um computador.

Sentindo-se insultado, Ove lança-lhe um olhar fulminante e desfere uma estocada no balcão com o dedo indicador.

— E acha que eu não sei disso?

Novo momento de silêncio, como dois pistoleiros que de repente se dão conta de que se esqueceram das respetivas armas em

casa. Ove põe-se a olhar para a caixa durante muito tempo, como se à espera que ela lhe fizesse uma confissão.

— Por onde é que se puxa o teclado? — resmoneia por fim.

O funcionário esfrega as palmas das mãos contra a borda do balcão e muda nervosamente o peso do corpo de um pé para o outro, naquela atitude típica que os jovens empregados de lojas de venda a retalho adotam quando começam a perceber que a tarefa lhes vai levar consideravelmente mais tempo do que o previsto.

— Na verdade, este não tem teclado.

Ove franze as sobrancelhas. — Ah, claro — apressa-se a dizer. — Porque é preciso comprar um à parte, certo?

— Não, o que eu quero dizer é que o computador não tem um teclado *separado*. Controla-se tudo diretamente a partir do ecrã.

Ove abana a cabeça, incrédulo, como se acabasse de ver o funcionário contornar o balcão para ir lamber a vitrina do expositor.

— Mas eu preciso de ter teclado. Percebe o que lhe estou a dizer?

O jovem solta um suspiro profundo, como se estivesse a contar pacientemente até dez.

— Muito bem. Estou a perceber. Nesse caso, não acho que este seja o computador indicado para si. Acho que a melhor opção para si seria algo como um *MacBook*.

— Um *Maquebuque*? — diz Ove, longe de estar convencido.

— Isso é um daqueles malditos «e-Readers» de que toda a gente fala?

— Não. Um *MacBook* é um... é um... portátil, com teclado.

— Já percebi! — silva Ove. Relanceia os olhos pela loja por um momento. — E *prestam* para alguma coisa?

O funcionário olha para o tampo do balcão de uma maneira que parece indiciar um desejo feroz, quase incontrolável, de lançar as unhas à própria cara. Depois, de repente, anima-se e exhibe um sorriso enérgico.

— Sabe que mais? Deixe-me ver se o meu colega já acabou de atender o cliente dele e se pode vir aqui fazer-lhe uma demonstração.

Ove verifica as horas no seu relógio e concorda de má vontade, relembrando ao funcionário que algumas pessoas têm mais que

fazer do que ficar ali o dia todo à espera. O funcionário faz-lhe um aceno rápido com a cabeça e desaparece, regressando pouco depois com um colega que parece muito feliz, como é apanágio das pessoas que ainda trabalham há pouco tempo no serviço de atendimento a clientes.

— Olá, em que posso ajudá-lo?

Ove bate com o dedo-lanterna de polícia no tampo do balcão como se o quisesse furar.

— Quero um computador!

De repente, o colega já não parece tão feliz. Lança ao outro funcionário um olhar de insinuação, como que a dizer que mais tarde receberá o troco por aquilo.

Entretanto, o primeiro funcionário murmura: — Estou cansado, vou almoçar.

— Almoçar — resmunga Ove. — É a única coisa com que as pessoas se preocupam hoje em dia.

— Desculpe? — diz o colega, virando-se.

— *Almoçar!* — escarnece Ove, atirando a caixa para cima do balcão e saindo da loja em passo estugado.

2



(TRÊS SEMANAS ANTES)
UM HOMEM CHAMADO OVE FAZ A RONDA
DE INSPEÇÃO DO SEU BAIRRO

Faltavam cinco para as seis da manhã quando Ove e o gato se encontraram pela primeira vez. O gato de imediato sentiu uma antipatia imensa por Ove. E o sentimento não poderia ser mais recíproco.

Ove tinha-se levantado dez minutos antes, como era seu costume. Não percebia como é que havia pessoas que dormiam de mais e depois deitavam as culpas ao «despertador que não tocou». Ove nunca tinha tido um despertador em toda a sua vida. Acordava às quinze para as seis e levantava-se prontamente.

Todas as manhãs, durante as quase quatro décadas que viviam nesta casa, Ove tinha ligado a cafeteira elétrica, usando a mesmíssima quantidade de café de todas as outras manhãs, e de seguida bebia uma caneca na companhia da mulher. Uma dose para cada caneca, e uma dose extra para a jarra da cafeteira — nem mais, nem menos. As pessoas já nem isso sabiam fazer, preparar um café decente. Da mesma forma que hoje em dia já ninguém sabia escrever à mão. Porque agora tudo se resumia a computadores e máquinas de café expresso. E o que iria ser do mundo se as pessoas já nem sequer sabiam escrever à mão ou preparar uma chávena de café?

Enquanto o café digno desse nome assentava na caneca, vestiu as calças e o casaco azul-marinho, enfiou os pés nos tamancos de madeira e enterrou as mãos nos bolsos, naquela maneira tão

característica de um homem de meia-idade que já está a contar que o inútil mundo exterior o vá dececionar. A seguir, iniciou a sua ronda de inspeção matinal ao bairro.

Quando saiu para a rua, as moradias em banda circundantes estavam mergulhadas em silêncio e escuridão e não se via viva alma. Também não seria de esperar outra coisa, pensou Ove. Neste bairro, ninguém se dava ao trabalho de se levantar mais cedo do que o necessário. Hoje em dia, as pessoas que viviam aqui resumiam-se a trabalhadores por conta própria e outras criaturas pouco recomendáveis.

O gato estava sentado com uma expressão de indiferença no meio do caminho pedonal que se estendia entre as moradias. Faltava-lhe metade da cauda e só tinha uma orelha. Aqui e ali viam-se-lhe peladas, como se alguém lhe tivesse arrancado punhados de tufo de pelo. Não era um felino propriamente impressionante.

Ove avançou em passo pesado. O gato ergueu-se. Ove parou. Mantiveram-se assim especados, a medirem-se um ao outro por momentos, como dois potenciais arruaceiros num bar de província. Ove ponderou atirar-lhe um dos tamancos. O gato tinha todo o ar de quem lamentava não ter trazido os seus próprios tamancos para lhe retribuir o gesto.

— Xô daqui pra fora! — berrou-lhe Ove, tão abruptamente que o gato saltou para trás. Escrutinou por breves momentos o homem de cinquenta e nove anos e respetivos tamancos, deu meia-volta e afastou-se indolentemente. Ove quase podia jurar que o bicho lhe tinha revirado os olhos antes de se pôr a andar.

«Maldita peste», pensou, relanceando o olhar pelo relógio. Dois minutos para as seis. Estava na hora de começar a ronda, e não ia permitir que o diabo do gato lhe atrasasse a inspeção. Era só o que faltava.

Começou a caminhar em passo de marcha ao longo do trilho pedonal entre as moradias. Deteve-se junto à placa de sinalização que proibia os condutores de entrarem na área residencial. Assestou um vigoroso pontapé no poste de metal. Não que estivesse pouco firme ou coisa que o valha, mas não fazia mal nenhum verificar, por via das dúvidas. Ove é o tipo de pessoa que verifica o estado de todas as coisas assestando-lhes um valente pontapé.

Atravessou a zona de estacionamento e deambulou para trás e para a frente ao longo de todas as garagens, para se certificar de que nenhuma delas tinha sido assaltada durante a noite ou fora alvo de fogo posto por gangues de vândalos. Esse tipo de coisas nunca tinha acontecido no bairro, mas Ove também nunca havia faltado a nenhuma das suas rondas de inspeção. Puxou três vezes, com força, a maçaneta da porta da própria garagem, onde estava guardado o seu *Saab*. Como fazia todas as manhãs.

De seguida, deu uma volta pela zona de estacionamento reservado a visitas, onde os carros só podiam permanecer por um período máximo de vinte e quatro horas. Anotou cuidadosamente todas as matrículas no pequeno bloco de apontamentos que guardava no bolso do casaco e de seguida comparou-as com as que tinha registado no dia anterior. Sempre que surgia uma matrícula repetida no seu bloco, Ove ia para casa e telefonava à Direção-Geral de Viação para obter os dados pessoais do proprietário do veículo, após o que ligava ao infrator a informá-lo de que era um maldito dum imbecil inútil que nem sequer sabia ler as placas de sinalização. É claro que Ove na verdade não estava preocupado com quem estacionava na zona de estacionamento limitado. Mas era uma questão de princípio. Se na placa dizia que o limite era de vinte e quatro horas, então era esse o período máximo de estacionamento permitido. O que seria do mundo se todas as pessoas se lembrassem de estacionar onde lhes desse na real gana? Seria o caos. Haveria carros por toda a parte, rai's os partam.

Hoje, felizmente, não havia carros em infração na zona de estacionamento limitado, e Ove pôde proceder à tarefa seguinte da sua inspeção diária: a casa dos contentores do lixo. Não que tal tarefa fosse da sua responsabilidade, diga-se. Desde o início que se opusera de forma intransigente aos disparates dos recém-chegados moradores da brigada de jipes que cilindraram a reunião de condóminos com argumentos de que o lixo doméstico «tinha de ser separado». Assim que foi tomada a decisão de separar os vários tipos de resíduos, alguém tinha de se responsabilizar pelo cumprimento dessa medida. Ninguém havia pedido a Ove que o fizesse, mas se homens como Ove não tomassem a iniciativa, seria uma anarquia total. Haveria sacos de lixo espalhados por toda a parte.

Pregou uns quantos pontapés nos contentores, praguejou e retirou um boião de vidro do vidrão de reciclagem, resmoneando algo acerca de «incompetentes» enquanto desatarraxava a tampa de metal. Enfiou o boião no vidrão e a tampa de metal no contentor amarelo.

Quando Ove era o presidente da administração do condomínio, tinha insistido vezes sem conta que fossem instaladas câmaras de videovigilância para poderem monitorizar a casa dos contentores do lixo e impedir os condóminos de descartarem resíduos não autorizados. Para sua grande contrariedade, essa proposta havia sido rejeitada. Os vizinhos consideraram a ideia de câmaras «um pouco desagradável», para além de sentirem que seria uma verdadeira dor de cabeça arquivar todas aquelas cassetes das videograções. Isto apesar de Ove argumentar vezes sem conta que quem tivesse «intenções honestas» não tinha nada a recear da «verdade».

Dois anos mais tarde, depois de Ove ter sido deposto do cargo de presidente da administração do condomínio (uma traição à qual Ove passou a referir-se posteriormente como «o golpe de Estado»), a questão voltou a surgir. O novo conselho de administração explicou animadamente aos condóminos que acabara de surgir no mercado uma câmara moderna, ativada por sensores de movimento, que enviava diretamente as imagens para a Internet. Com a ajuda dessa câmara, poderiam monitorizar não só a casa dos contentores do lixo mas também a zona de estacionamento, impedindo assim atos de vandalismo e assaltos. Melhor ainda, as videograções apagavam-se automaticamente após vinte e quatro horas, evitando assim quaisquer «violações do direito de privacidade dos moradores». Para que a câmara fosse instalada, era necessária a aprovação unânime dos condóminos. Apenas um deles votou contra.

E assim aconteceu porque Ove não confiava na Internet. Pronunciava a palavra fazendo recair o acento tónico em «net», apesar de a sua mulher insistir continuamente que a ênfase tinha de ser colocada em «Inter». O conselho de administração não tardou a perceber que só por cima do próprio cadáver de Ove é que a Internet o vigiaria a despejar o seu lixo. De maneira que nenhuma câmara chegou a ser instalada. Tanto melhor, pensou Ove.

De qualquer das formas, a sua ronda de inspeção diária era mais eficaz. Sabia-se quem estava a fazer o quê e quem estava a manter as coisas sob controlo. Qualquer pessoa com dois dedos de testa conseguia perceber isso.

Quando terminou a inspeção à casa dos contentores do lixo, trancou a porta, tal como fazia todas as manhãs, e deu três valentes puxões na maçaneta para se certificar de que estava bem fechada. De seguida, virou-se e reparou numa bicicleta encostada à parede exterior do barracão das bicicletas. Apesar de haver uma placa enorme a dizer que os moradores não deviam deixar as bicicletas ali. Logo ao lado, um dos vizinhos tinha colado um encolerizado bilhete manuscrito onde se lia: «Isto não é nenhum sítio para deixar bicicletas! Aprendam a ler as placas!» Ove resmungou algo acerca de idiotas ineptos, abriu o barracão, pegou na bicicleta, arrumou-a cuidadosamente no interior, fechou a porta e deu três puxões na maçaneta.

Arrancou o bilhete encolerizado da parede. Acometeu-o a vontade de propor ao conselho de administração que fosse colocado um sinal de «proibição de afixação» naquela parede. Hoje em dia, as pessoas pareciam pensar que podiam andar a afixar avisos onde bem lhes aprouvesse. Isto era uma parede, não a porra dum quadro de avisos!

Ove avançou ao longo do caminho pedonal entre as moradias. Deteve-se no exterior da própria casa, debruçou-se sobre as lajes do pavimento e farejou de forma veemente ao comprido das fissuras.

Mijo. Cheirava a mijo.

E, com esta observação, entrou em casa, trancou a porta e tomou o seu café.

Quando terminou, cancelou o serviço de telefone fixo e a assinatura do jornal. Reparou a torneira misturadora na casa de banho pequena. Pôs parafusos novos no puxador da porta da cozinha que dava acesso à varanda coberta. Reorganizou caixas no sótão. Rearranjou as suas ferramentas no barracão e arrumou os pneus de inverno do *Saab* noutra local. E ei-lo agora, sem saber que mais fazer para se ocupar.

A sua vida nunca se deveria ter transformado nisto.

São quatro da tarde de uma terça-feira de novembro. Ove desligou os radiadores do aquecimento central, a cafeteira elétrica e todas as luzes. Envernizou a bancada de madeira da cozinha, apesar de aqueles asnos da IKEA dizerem que a madeira não precisa de ser envernizada. Nesta casa, todas as bancadas da cozinha eram envernizadas de meio em meio ano, fosse necessário ou não. Independentemente da opinião de uma catraia de camisola amarela do armazém de *self-service* da IKEA.

Está agora a olhar pela janela da sala de estar da moradia em banda de dois pisos, com o sótão de média dimensão atrás de si. O sujeito afetado de quarenta anos e barba por fazer da casa em frente surge a correr no seu *jogging* habitual. Chama-se Anders, ao que parece. Um morador recente, provavelmente não vive aqui há mais de quatro ou cinco anos. No entanto, já conseguiu cair nas graças do conselho de administração do condomínio à custa de falinhas mansas. Uma verdadeira serpente, é o que ele é. Pensa que manda na rua. Mudou-se para cá depois de se divorciar, e, pelos vistos, pagou os olhos da cara pela casa. Típico destes cabrões, vêm para cá e fazem aumentar os preços dos imóveis para as pessoas honestas. Como se isto aqui fosse um bairro de ricalhaços. Para além de conduzir um *Audi*, como Ove reparou. Só podia. Os indivíduos que trabalham por conta própria, e outros idiotas que tais, todos eles conduzem *Audis*. Ove enfia as mãos nos bolsos. Espeta um pontapé um tudo-nada arrogante no rodapé. Esta casa em banda é um pouco grande para si e para a sua mulher, é essa a verdade, e não lhe custa admiti-lo. Mas já está paga. Não deve um único cêntimo do empréstimo bancário. E de certezinha que não se poderia dizer o mesmo do armante da casa em frente. Hoje em dia, é tudo a crédito; toda a gente sabe que é assim que as coisas se fazem. Ove já pagou a hipoteca. Cumpriu o seu dever. Trabalhou. Nunca tirou um dia de baixa. Arcou com a sua quota-parte do fardo. Assumiu algumas responsabilidades. Agora já ninguém faz isso, ninguém assume responsabilidades. Agora é só computadores e consultores e figurões da autarquia que vão a clubes de *striptease* e vendem contratos de arrendamento de apartamentos por baixo da mesa. Paraísos fiscais e carteiras de ações. Ninguém quer trabalhar. Um país cheio de calaceiros que só querem é almoçar o dia inteiro.

«Não acha que lhe faria bem descansar um pouco?», disseram a Ove no dia anterior no trabalho. Explicaram-lhe que não havia perspectivas de emprego, de modo que estavam a «mandar a geração mais velha para a reforma». Um terço de um século na mesma empresa, e é assim que se referem a Ove: de repente, passa a ser uma porra de uma «geração». Porque hoje em dia as pessoas têm todas trinta e um anos e usam calças demasiado justas e já não bebem café normal. E ninguém quer assumir responsabilidades. Uma cambada de homens de barbas cuidadosamente aparadas, sempre a trocaram de emprego, de mulher e de carro. Assim, sem mais nem menos. Só porque lhes dá na real gana.

Ove olha exasperado pela janela. O armante continua no seu *jogging*. Não que Ove se sinta provocado pelo *jogging*. Longe disso. Está-se completamente a marimbar para o facto de as pessoas praticarem *jogging*. Só não consegue perceber por que razão as pessoas precisam de fazer tanto alarde disso. Com aqueles sorrisos presunçosos plasmados nas caras, como se andassem ali na rua a curar um enfisema pulmonar. Ou caminham a passo acelerado ou correm devagar — o que os praticantes de *jogging* fazem não passa disso. É a maneira de um homem de quarenta e um anos anunciar ao mundo que não consegue fazer nada de jeito. É mesmo necessário a pessoa vestir-se como uma ginasta romena de catorze anos para poder praticá-lo? Ou como a equipa olímpica da modalidade de tobogã? Só porque se põe a arrastar o esqueleto inutilmente à volta do quarteirão durante três quartos de hora?

E o armante tem namorada. Dez anos mais nova. A Loira Trinca-Espinhas, chama-lhe Ove. A cambalear pela rua como um panda embriagado, empoleirada em saltos altos compridos como pés de cabra, cara toda pintada como a de um palhaço e óculos de sol tão grandes que nem se percebe se é mesmo um par de óculos ou algum tipo de capacete. Também tem um daqueles pequenos animais de colo, a correr de um lado para o outro sem trela e a mijar nas lajes do pavimento à frente da casa de Ove. A tipa pensa que Ove não repara, mas Ove repara sempre.

A sua vida nunca se deveria ter tornado nisto. Ponto final. «Não acha que lhe faria bem descansar um pouco?», disseram-lhe no dia

anterior no trabalho. E agora está aqui espetado junto à bancada envernizada na cozinha. Não deveria estar ocupado com uma tarefa dessas numa terça-feira à tarde.

Olha pela janela, na direção da casa idêntica em frente. Uma família com crianças acaba de se mudar para lá. Estrangeiros, ao que parece. Ainda não sabe que tipo de carro têm. Provavelmente, uma marca japonesa qualquer, que Deus lhes valha. Ove acena com a cabeça, como se tivesse acabado de dizer algo com o qual concorda plenamente. Olha para o teto da sala de estar. Vai pendurar lá um gancho hoje. E não será um gancho qualquer. Nada desses ganchos corriqueiros que qualquer consultor de informática, a gabar-se aos quatro ventos dalgum diagnóstico de código de dados e enfiado num daqueles casacos de malha unissexo que todos parecem preferir hoje em dia, teria usado. Não, o gancho de Ove vai ser sólido como uma rocha. Vai aparafusá-lo com tanta firmeza que, quando a casa for demolida, será a última coisa a ceder.

Daí a uns dias, terá um agente imobiliário todo presunçoso e de laço tão grande como a cabeça de um bebé a bater-lhe à porta e a matraqueá-lo com cenas do tipo «potencial de remodelação» e «área de superfície» e com todo o tipo de opiniões sobre Ove, o cabrão. Mas não vai ser capaz de encontrar um único defeito no gancho de Ove.

No chão da sala de estar está pousada uma das caixas de «coisas úteis» de Ove. É assim que dividem a casa. Todas as coisas que a mulher de Ove comprou são «adoráveis» ou «singelas». Tudo o que Ove compra é útil. Coisas com uma função prática. Guarda-as em duas caixas diferentes, uma grande e outra pequena. Esta é a pequena. Cheia de parafusos e jogos de chaves de tubo e esse tipo de coisas. Agora as pessoas já não têm coisas úteis. É só tralha. São capazes de ter vinte pares de sapatos, mas nunca sabem onde puseram a calçadeira; casas atulhadas de micro-ondas e televisores de ecrã plano, e no entanto nem sob a ameaça de um x-ato conseguiriam dizer que tipo de bucha se deve usar numa parede de betão.

Ove tem na sua caixa de coisas úteis uma gaveta só para buchas próprias para paredes de betão. Detém-se a contemplá-las como se fossem peças de xadrez. Nunca fica stressado quando precisa

de tomar decisões relativamente a buchas para paredes de betão. As coisas levam o seu tempo a fazer. Cada bucha é um processo, cada bucha tem a sua própria aplicação. As pessoas já perderam o respeito pela funcionalidade decente e honesta, ficam felizes desde que tudo tenha um ar arrumadinho e catita no ecrã do computador. Mas Ove faz as coisas como deve ser.

Chegou lá ao escritório na segunda-feira e disseram-lhe que não quiseram dar-lhe a notícia na sexta-feira para não lhe «estragar o fim de semana».

«Vai fazer-lhe bem abrandar um pouco», disseram-lhe numa voz arrastada. Abrandar? O que sabiam eles sobre o que é acordar numa terça-feira e já não ter um propósito de vida? Ocupados com as suas Internets e os seus cafés expresso, o que sabiam eles sobre o que é assumir responsabilidade, por mais pequena que seja, pelas coisas?

Ove olha para o teto. Semicerra os olhos. É fulcral que o gancho fique centrado, decide.

E, enquanto está ali imerso na importância da tarefa que tem pela frente, é impiedosamente interrompido por um ruído prolongado de algo a raspar. Não muito diferente do tipo de som causado por um grandessíssimo labrego a fazer marcha à ré num carro japonês com um reboque de carga atrelado e a raspar contra a parede da casa de Ove.